

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



(München, 1959)»<sup>1</sup> ou «Gentili, B., *Anacreon* (Roma, 1958)», ficará com certeza perplexo: trata-se de estudos sobre aqueles poetas (é o que mais parece, e não são) ou de edições dos seus fragmentos? É importaria, em alguns casos, ser mais selectivo, ou então advertir o leitor de que livros como os de Edmonds, *Lyra Graeca* e *Elegy and Iambus*; Farina, *Ipponatte*; Whatmough, *Poetic, scientific and other forms of discourse* (ou mesmo obras como Knox, *The first Greek anthologist with notes on some choliambic fragments* e Fatouros, *Index uerborum zur frühgriechischen Lyrik*) se não podem utilizar sem muitas reservas. Por outro lado — *alba auis!* —, Gerber cita meia dúzia, pelo menos, de autores portugueses: todos com impecável ortografia, na pessoa e nos escritos...

Um índice de assuntos, outro de palavras, encerram este volume, decorosamente apresentado, que estudantes e especialistas vão percorrer com interesse pelas informações e respeito pela inteligência e zelo com que foram reunidas.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

SALVATORE QUASIMODO — **Leonida di Taranto**. Con un saggio su Quasimodo di Carlo Bo. Presentazione di Antonio Rizzo. «Il Mezzogiorno e la cultura moderna»: 1. Manduria, Piero Lacaita editore, 1969. 120 pp.

«*Meravigliosamente / un amor mi distringe*» [...] O meu valado é a Sicília: um valado que encerra antiqüíssimas civilizações e necrópoles e latomias e telamones destroçados sobre a relva e minas de sal-gema e de enxofre e mulheres a chorar há séculos pelos filhos que lhes mataram, e fúrias reprimidas ou desencadeadas, bandidos por amor ou por justiça. Não fui buscar longe o meu cantar; e a minha paisagem não é mitológica nem parnasiana: lá estão o Anapo e o Hímeras e o Plátanos e a Cíane com os papiros e os eucaliptos, lá está Pantálica com suas tocas tumulares escavadas quarenta e cinco séculos ante de Cristo, «inçadas como favos de cortiço», lá estão Gela e Mégara Hibleia e Leontinos. É um amor, este meu, que não pode dizer à memória que fuja para sempre daqueles lugares.»<sup>2</sup>

O mesmo amor que levava outro meridional, Leónidas, a exprimir a mágoa, «mais pungente que a morte», de se ver distante da Itália — e da sua pátria, Tarento, entregue à *ἄβιος βίος* de um vagamundo (*Anth. Pal.* 7.715.1-3). Quasimodo não saiu da Itália, mas teve de deixar a Sicília e viveu, como Leónidas, uma existência errabunda por várias regiões (Calábria, Ligúria, Sardenha, Lombardia, Valtellina),

<sup>1</sup> A propósito: qual a vantagem de citar, para Arquíloco, a edição de Liebel (Leipzig, 1812), se nem os *Poetae lyrii Graeci* de Bergk (Leipzig, 1882<sup>4</sup>) — ainda utilizáveis e utilizados — figuram já na bibliografia de carácter geral (pp. 404-406)?

<sup>2</sup> Quasimodo, *Autobiografia* cit. por Carlo Bo no ensaio inicial (pp. 17-18).

até se estabelecer, em Milão, como professor de Literatura Italiana no Conservatório de Música. Como Leónidas, o poeta siracusano teve necessidade da «paciência / triste, delicada» que seu pai lhe ensinara e lhe permitiu aceitar «a sua ração quotidiana de reveses e de penas». Como em Leónidas, a sua poesia é urna «perene reproposição do tema da dor e da derrota» (Bo, p. 32).

Estas semelhanças — que reunimos por nossa conta (já que são vagas as razões da crítica) —, e a simpatia com que Salvatore Quasimodo louva e traduz a poesia do Tarentino, levaram alguns recensores da sua conferência-ensaio (*Il nome di Leonida non è morto*, primeiramente editada em opúsculo de arte) a falar de «auto-retrato» (Vigorelli) e «identificação do poeta moderno com o poeta de há vinte e três séculos» (Brignetti). Cremos sinceramente que neste cotejar de figuras e intenções tão apartadas no tempo e na história se empequenece e desmerece o Prémio Nobel italiano. Quasimodo tem uma acuidade de expressão artística e (sobretudo depois da guerra) uma intensidade de ressonância humana que Leónidas atinge poucas vezes — nas horas melhores em que se alheia das convenções alexandrinas e dos rebuscamentos de gosto e de estilo para descrever o regresso das novilhas sem pastor (*Anth. Pal.* 7.173), a morte serena de Térís (7.295) e de Plátis (7.726) ou a revoltada de Gorgo (7.731), a nostalgia do desterrado (7.715), a acabrunhante inani-dade da condição humana (7.472, 478).

Vigorelli admirou, na conferência de Quasimodo (aqui reproduzida a pp. 37-66), a «lucidez», o «aprofundamento crítico», a «força do estilo», a «intrepidez moral». Não partilhamos do mesmo entusiasmo. Quasimodo acredita seriamente que a Leónidas os humildes iam pedir «um fragmento de eternidade» (p. 45); pensa que o Tarentino era «um homem livre», avesso a cortesias, cuja arte «se não baseava em arazoados de literatos nem imitações de biblioteca» (p. 49); afirma que o epigramatista «não era uma pessoa culta e os seus gostos tendiam para os espectáculos populares, como o teatro de Aristófanes» (p. 54). Há manifesta ingenuidade nestas convicções: dos epigramas dedicados a gente humilde, muitos foram certamente exercícios convencionais de estilo, até porque os memorados ou as suas famílias raras vezes teriam meios ou devoção para pagarem ao poeta; será sempre relativa a liberdade de um homem que vive da encomenda de versos ou das migalhas que lhe dêem os seus protectores (Leónidas escreveu para Neoptólemo e Pirro no Epiro, e frequentou, segundo parece, a corte de Antígono Gónatas); é impossível admitir, após a leitura de meia dúzia de dísticos do poeta, que este entretecedor de «flóridos corimbo de hera» (a expressão é de Meléagro) não fosse um homem de escola — e de cultura. Por outro lado, que necessidade há de depreciar o contributo da filologia (pp. 49-50, 53-54), que assegurou a fixação do texto e a interpretação do léxico, por vezes arrevesado, do Tarentino? E não será pernicioso, na interpretação de um poeta alexandrino, incomodar, em menos de trinta páginas, Villon, Angiolieri, Cavalcanti, Dante, Foscolo, Leopardi, Verga, Shakespeare, Melville, Stevenson, Conrad, Schelling, os seiscentistas, os românticos, os simbolistas, os poetas malditos?... Solto, impressionista, repisado, anárquico, o ensaio de Quasimodo parece, afinal, um pretexto para inserir as suas traduções de Leónidas.

A despeito de alguns erros e arbitrariedades resultantes do conhecimento imperfeito da língua dos originais, a versão quasimodiana dos líricos gregos (1940) marcou um ponto alto na conquista de uma equivalência moderna e essencial da expressão poética antiga. Que pensar desta nova tentativa? Que tem os mesmos

merecimentos, e muito menos defeitos que a anterior. Leónidas não oferece, apesar de tudo, as dificuldades de Álcman, de Safo, de Alceu, de Íbico, de Anacreonte: principalmente nos epigramas que o poeta italiano seleccionou. Os melhores? Nem todos. Lá faltam, por exemplo, os epigramas 7.173 (morte do pastor)<sup>1</sup>, 7.726 (morte da velha Plátis) e 7.736 (elogio da vida humilde e tranquila). Como sobejam, ao invés, algumas epígrafes frígidas e banais: 7.273, 466, 652, 654... Nem conseguimos admirar o reboante elogio de Homero (9.24): porque não inserir, já agora, a famigerada descrição da Anadiómene de Apeles (16.182)? O melhor Leónidas (o mais verdadeiro?) está em versos como os seguintes, que Salvatore Quasimodo verteu com extraordinária propriedade: 7.295 «Qui è il vecchissimo Teris che viveva / della facile pesca con le nasse. / Nuotava piú dello smergo, era ladro / di pesci, gettava reti, scopriva / le grotte e navigava su una barca / di pochi remi. Non l'uccise il vento / dell'equinozio di Arturo / né un'improvvisa tempesta / soffìò via le molte decine di anni: / è morto nella capanna di paglia / come un lume che si spegne da solo / dopo una lunga durata. La tomba / non fualzata dalla moglie o dai figli, / ma da tutti i compagni pescatori.» 7.472 «Infinito fu il tempo, uomo, prima / che tu venisse alla luce, e infinito / sarà quello dell'Ade. E quale parte / di vita qui ti spetta, se non quanto / un punto, o, se c'è, qualcosa piú piccola / d'un punto? Così breve la tua vita / e chiusa, e poi non solo non è lieta, / ma assai piú triste della morte odiosa. / Con una simile struttura d'ossa, / tenti di sollevarti fra le nubi / nell'aria! Tu vedi, uomo, come tutto / è vano: all'estremo del filo, già / c'è un verme sulla trama non tessuta / dalla spola. Il tuo scheletro è piú tetro / di quello di un ragno. Ma tu, che giorno / dopo giorno cerchi in te stesso, vivi / con lievi pensieri, e ricorda solo / di che paglia sei fatto.»

Esta tradução de Leónidas foi a derradeira mensagem de Quasimodo poeta: e porventura a mais desencantada.

W. S. M.

APICII — *Decem libri qui dicuntur De Re Coquinaria et excerpta a VINIDARIO conscripta*, edidit Mary Ella Milham, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969, pp. 116.

A obra de Apício, apesar do seu carácter técnico (trata, de facto, só de culinária) tem sido objecto de numerosos estudos e edições. É no entanto esta, a de M. E. Milham, a primeira que, revendo todo o texto, se pode chamar verdadeiramente crítica. Apício, que provavelmente viveu no fim do século IV ou princípio do século V, não deu título ao seu trabalho. Os manuscritos falam apenas de *Libri decem*. Pouco depois, no século V ou VI, foram coligidos uns *excerpta* por Vinidário.

<sup>1</sup> A atribuição a Leónidas, duvidosa para o compilador da *Anthologia* (*Διοτίμων, οἱ δὲ Λεωνίδων*), é geralmente aceite pelos filólogos modernos.